

O SABER ACADÊMICO E EDUCACIONAL DE MATRIZ SOCIOLOGICA NA INICIAÇÃO AO BASQUETEBOL

Academic and educational knowledge of Sociological matrix on initiation to basketball

Edson Machado Sousa¹

Resumo: Este artigo se caracteriza como debate da forma, como o saber acadêmico em suas matrizes formativas, com base principalmente na sociologia, interfere na formação inicial em basquetebol. O autor traz aqui uma síntese de sua dissertação de mestrado desenvolvida junto ao grupo de Pesquisa Filosofia e Educação EDUCOGITANS inserido no Programa de Pós-Graduação/Mestrado em Educação, da Universidade Regional de Blumenau. O texto evidencia inicialmente a origem e uma breve história de como as ciências humanas contribuem para o desenvolvimento da educação, com ênfase nos paradigmas do consenso e do conflito para debater como as classes sociais estão presentes no contexto esportivo e em particular nos programas de Iniciação Esportiva desenvolvidos junto a grupos de jovens caracterizados como de vulnerabilidade social na cidade de Salvador - BA.

Palavras-chave: Educação. Iniciação ao Basquetebol. Paradigmas do conflito e do consenso.

Abstract: This article is characterized as a debate, as the academic in their formative arrays know, based mainly on sociology, interferes with the initial training in basketball. The author brings here a synthesis of his Master thesis developed by the Philosophy and education research group EDUCOGITANS inserted in the program of graduate/master's degree in education, Regional University of Blumenau. The text highlights initially the origin and a brief history of how the Humanities contribute to the development of education, with emphasis on consensus and conflict paradigms to discuss how social classes are present in the sporting context and in particular in sports initiation programs developed with youth groups characterized as social vulnerability in the city of Salvador-BA.

Keywords: Education. Introduction to basketball. Paradigms of conflict and consensus.

Introdução

Este texto tem o propósito de apontar como o saber acadêmico relacionado à educação pode contribuir para a conscientização de questões referentes às diferentes classes sociais que constituem o contexto civilizatório no qual estamos imersos. Seu campo investigativo trata de como o Basquetebol se caracteriza como agente de inserção social com um grupo de jovens caracterizados como de vulnerabilidade social na cidade de Salvador - BA, considerando a questão das diferentes classes sociais presentes nos contextos desportivos.

A sociologia, nesse ínterim, foi escolhida por se caracterizar como espaço, tempo e conhecimento no qual esse projeto encontra, autores que contribuem efetivamente para o desenvolvimento teórico desse tema. Deles se destacam os autores clássicos da sociologia como: David Emile Durkheim (1858-1917), Max Weber (1864-1920) e Karl Heinrich Marx (1818-1883). Essa escolha se deve ao fato de o esporte, segundo Ferreira, Moreira e Marchi Júnior (2008), ser um tema tratado com pouca ênfase por cientistas sociais brasileiros no que se refere ao debate relativo à questão social da educação física e da iniciação esportiva. Essa realidade se manifesta no Brasil na medida em que são poucos os grupos de pesquisa que tratam dessa questão. Cabe destacar que esse tema também é referente para a filosofia e nesse campo o envolvimento acadêmico é ainda menos significativo, deixando um hiato importante a ser preenchido pelos pesquisadores atrelados à filosofia inserida no debate da sociedade.

Dessa forma, sob a égide da sociologia, este texto aponta como se dão as mudanças

¹ Professor, Graduado em Educação Física, Mestre em Educação e ex-atleta profissional de basquetebol em diferentes equipes brasileiras. E-mail: pabasket12@yahoo.com.br

na sociedade e em linha direta na formação humana, cabendo o debate de como atualmente o paradigma do consenso e do conflito ainda persistem no meio escolar e na iniciação desportiva. Esses dois paradigmas são analisados na perspectiva de como estão presentes na organização das atividades de iniciação ao basquetebol, debatendo em que medida a competitividade e discriminação, ou a valorização de potenciais e o respeito às individualidades estão presentes nessa atividade. Manuel Sérgio (2003) analisa esses dois paradigmas na perspectiva filosófica ao evidenciar que tanto a competitividade e a valorização de potenciais físicos e de desempenho devam ser debatidos junto aos estudantes, assim como aspectos que os prepare e os estimule a exercer atividades esportivas considerando a perspectiva do cuidado, do tratamento da eficiência e capacidade competitiva.

A Sociologia e o saber acadêmico na Sociedade contemporânea

Historicamente a sociologia se organizou originalmente no contexto do Renascimento, na Itália, por volta do século XII e teve seu ápice no século XVI, como um movimento filosófico literário e artístico. Esse movimento é considerado como um ponto referencial da ruptura entre a Idade Média e a Idade Moderna. Essa ruptura ocorreu como momento de transição entre o mundo medieval organizado com base em uma sociedade feudal-agrária e teocrática caracterizada pela invisibilidade das pessoas e o mundo moderno com base em uma sociedade urbana e comercial com valores permeados por posturas de individualismo e laicização com um humanismo que dava visibilidade às pessoas integradas a esses sistemas, mantendo os não inseridos e não incluídos no estado de invisibilidade.

Na tentativa de romper com as tradicionais ideias metafísicas esses movimentos possibilitaram que as pessoas passassem a dialogar com outras ideias um tanto mais imediatistas e materialistas. No contexto dessas novas ideias prevaleceu o conhecimento, Cristina Costa (1997, p. 18) aponta que “[...] no Renascimento a nova sociedade que emerge exige a distinção entre conhecimento especulativo e pragmático”. Assim, o conhecimento se posicionou como na época greco-romana, atuando como agente de organização social como resultado de uma atividade cognitiva, elaborada de forma objetiva e formal que abandonou as atividades humanas com base na contemplação e na fé. Assim, “o renascimento marca uma nova postura do homem ocidental diante da natureza e do conhecimento” (COSTA, 1997, p. 19).

Influenciadas pela superação de condição de invisibilidade, as pessoas com possibilidades sociais de deixar a invisibilidade assumiram postura de individualismo, pois essa era a posição social que se impôs sobre os ideais do coletivismo. Assim, as pessoas livres das amarras do clã passaram a ser autoras dos acontecimentos, ou seja, fundamentalmente agentes da história. Nas palavras de Costa (1997, p. 19) “A vida dos homens passa a ser fruto de suas ações e escolhas e não dos designios da justiça divina”.

Esses aspectos somados a um conjunto grande de fatos que caracterizaram a conjuntura social e política da época contribuíram para descentralizar o poder da Igreja que mergulhou em um processo de transição que perdura até a atualidade. Nesse ínterim, no final do século XVIII, destaca-se a emblemática Revolução Francesa, caracterizada como um marco de mudança radical na sociedade europeia. Esse destaque se deve ao fato dela ter ampliado o alcance da organização social dividida em classes referenciadas no mercado e na propriedade, frente à redução de poder da aristocracia. Esse movimento, desencadeado pelos burgueses, proprietários rurais e industriais que se rebelaram contra a aristocracia e o regime monárquico, iniciou um processo que prometia estabilidade por meio da consolidação de uma nova ordem social, a qual introduzia novos valores na sociedade com base na trilogia: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, a

qual não conseguiu romper a tradição classista e excludente vigente.

É importante ressaltar que no meio dos pensadores franceses do século XVIII haviam filósofos que pretendiam mudar a organização da sociedade. Conforme Martins (1986) esses filósofos consideravam a sociedade feudal dominante naquela época como altamente injusta, e na busca de novas alternativas organizativas se basearam nas ciências naturais para esclarecer os fenômenos sociais em lugar das explicações, com base em referenciais e explicações de natureza divina e religiosa. Nesse sentido afirma Martins (1986, p. 20) que:

Os iluministas enquanto ideólogos da burguesia, que nessa época se posicionava de forma revolucionária, atacaram com veemência os fundamentos da sociedade feudal, bem como os privilégios da classe dominante, aristocrática e monarquista, amparados nas restrições que impunham aos interesses da burguesia.

Nessa época, final do século XVIII, Saint Simon organiza um local de estudo que visava a organização de um movimento social e econômico que ficou conhecido como Socialismo Utópico. Desse movimento emergiu um autor conhecido como o gerador do que se convencionou chamar positivismo. Trata-se de Auguste Comte, que sistematizou um movimento inicialmente chamado de “física social”, o qual tinha a finalidade de analisar a sociedade e estabelecer rumos para que uma ordem prescritiva viesse a viabilizar uma governabilidade não alcançada desde o movimento revolucionário. Depois esse movimento denominado “física social” veio a ser nominado como sociologia (VIEIRA, 2010).

Desse recorte histórico se tem, segundo Martins (1986), enunciados de problemas que se caracterizam pelo interesse e preocupação de pensadores, que desenvolveram suas posições teóricas com base na matriz gerada por Auguste Comte, sendo essa corrente teórica do pensamento sociológico, denominada como positivismo, que consolidou de forma significativa o contexto civilizatório de matriz eurocêntrica.

Atualmente, com o pensamento de perspectiva moderna de cunho racional, científico e econômico, a modernidade se firmou definitivamente em patamar referenciado na objetividade, na racionalidade e na competitividade. “A Revolução Industrial significou algo mais do que a introdução da máquina a vapor e dos sucessivos aperfeiçoamentos dos métodos produtivos” (MARTINS, 1986, p. 11). Significativamente foi o sucesso da indústria capitalista que assumiu o controle sobre a população urbana, na qual um grupo minoritário e restrito obtinha as máquinas, as propriedades e os instrumentos de trabalho, constituindo dessa forma uma classe social caracterizada como de proprietários e outra classe dependente caracterizada como de trabalhadores. Nesse contexto a classe de trabalhadores deixou de ter domínio sobre os meios de produção, passando a ser controlados, pois já não possuíam posses materiais, restando-lhes apenas a força de trabalho como elemento de valor para trocas, sempre em caráter de perdas e submissão.

Nas palavras de Martins (1986, p. 12) “Cada avanço com relação à consolidação da sociedade capitalista representava a desintegração, o solapamento de costumes e instituições até então existentes e a introdução de novas formas de organizar a vida social” pautada pelo modo de produção capitalista. Foi uma insurreição nas formas como a sociedade medieval se organizava a séculos para uma sociedade moderna pautada no trabalho industrializado e produção massificada.

Com essa mudança na estrutura da sociedade produtiva e com a ampla utilização da máquina a vapor ficou consolidado um processo industrial que superou a atividade artesanal vigente até então. Essa nova organização econômica e social, com toda sorte de processos exploratórios, para atender aos interesses da produção, perdurou até o fim do século XIX, com jornadas de trabalho, que giravam em torno de catorze a dezesseis horas por dia, com ganhos

suficientes apenas para a subsistência, garantiu a prevalência de uma classe sobre as demais. Esse processo, apesar de pequenas mudanças operacionais que continuam em vigor na atualidade, amparada em um ideário ideológico de classes que se mantém no contexto civilizatório no qual estamos socialmente imersos (KEIM, 2011).

Com essa lógica organizativa se agigantaram problemas de ordem urbana e como decorrência se organizaram focos de resistência, contra aquela forma na qual estava organizada a sociedade produtiva por parte dos trabalhadores e das pessoas excluídas, o que segundo Freire (1997) se caracterizam como pessoas cuja humanidade lhes foi roubada e vilipendiada, por isso oprimidas. A resistência deu origem à promoção de ações de destruição de máquinas e oficinas com atos de sabotagem como meio de protesto e enfrentamento.

A Sociologia e o saber acadêmico frente às classes sociais

A sociologia como ciência originou-se com interesse prático, assumindo o papel de pensar as ciências numa visão intelectual para problematizar a ordem social, destacando a importância da família, da autoridade e a da hierarquia para compreender e organizar o modo de produção e comercialização no qual se pautou a sociedade como a temos na contemporaneidade. Para Martins (1986, p. 31) “Na concepção de um dos seus fundadores, Comte, a sociologia deveria orientar-se no sentido de conhecer e estabelecer aquilo que ele denominava *leis imutáveis* da vida social [...]”. Esse pensamento sociológico paulatinamente fundamentou essa área do conhecimento e serviu de base para os autores citados no decorrer deste texto, ou seja, David Emile Durkheim (1858-1917), Max Weber (1864-1920) e Karl Heinrich Marx (1818-1883), os quais influenciaram e ainda influenciam grandemente os saberes e as posturas organizativas da academia e de seus saberes.

Destes autores salientamos a sociologia de Durkheim, pela abrangência de sua obra, no que foi denominada como sociologia do consenso, se preocupava em organizar a sociedade nos moldes industriais. Com essa posição ele evidenciava a questão de que a coesão social e o consenso seriam aspectos fundamentais para que os indivíduos pudessem viver na sociedade. Ou seja, essa posição se caracteriza como uma visão funcionalista, com um olhar próprio à forma como se observa e analisa um organismo vivo, que apresenta um funcionamento adequado com base em regras, leis e normas.

Essa visão amparada em atributos, na maioria exteriores ao indivíduo, foi imposta nesse sistema como algo a ser obedecido e incorporado por todos, devendo ser desenvolvida desde a fase infantil para que fosse garantida a manutenção do estabelecido. Assim, por meio da educação, a criança deveria apreender e transmitir o legado das gerações passadas a elas, quando adultas, deveriam passar para as próximas gerações esses conhecimentos e comportamentos. Essa função foi delegada à sociedade de tal forma que “o indivíduo aprendesse a seguir normas e regras de ações que lhe são exteriores, ou seja, não foram criadas por ele e são coercitivas [...]” (TOMAZI, 1993, p. 19). Essa abordagem perdura no contexto educativo escolarizado, inerente ao contexto civilizatório no qual vivemos.

Nessa direção de uma sociologia amparada em Comte, Emile Durkheim enalteceu instituições, como por exemplo, a igreja, o exército e a família pelo fato de servirem como mecanismo socializador das pessoas, fazendo com que elas internalizem as leis estabelecidas, para que todos vivam em harmonia na sociedade, entendendo-se harmonia a sujeição e submissão ao estabelecido pelas classes detentoras do poder. Esse processo se caracterizou pelo caráter restritivo das ações e pelo disciplinamento daqueles que ultrapassam os muros sociais, fazendo recair sobre esses sanções e punições ditadas pelos mesmos detentores do poder vigente. Nessa perspectiva, Durkheim considera que a educação tem o propósito de controle, manutenção e do-

mínio da sociedade. Essa matriz, segundo Tomazi (1993, p. 19), conduziu a sociedade a seguir “as ideias de Durkheim [...] como um método para a sociologia”, o que engessou e restringiu as concepções de liberdade, autonomia e emancipação humana.

No contexto da organização da sociologia como agente normatizador do contexto civilizatório eurocêntrico, trazemos Max Weber, para quem a sociedade não seria algo exterior e superior aos indivíduos, e por isso, deveria ser compreendida a partir do conjunto de ações individuais de forma recíproca e referidamente de tal forma que a organização da sociedade e, em especial, a educação se apresentasse como processo que se desenvolvesse, conforme a opção e as decisões de vida de cada pessoa. Essa posição para ser identificada depende da análise para a compreensão do entendimento que cada pessoa tem das subjetividades que orientam suas ações, individuais com repercussões sociais. Na tentativa de compreender o que vem a ser uma ação social, Weber aponta como qualquer ato que o indivíduo faz, orientando-se pela ação de outros.

De acordo com Tomazi (1993), quando acontece algum tipo de relação significativa com várias ações sociais com sentido Weber dirá que ocorreram relações sociais. Assim, para um evento se caracterizar como ação social é necessário que o indivíduo estabeleça algum tipo de comunicação, partindo de suas ações com os demais.

Pelo contrário, as normas e regras sociais são resultado do conjunto de ações individuais, sendo que os agentes escolhem, o tempo todo, diferentes formas de condutas. As ideias coletivas, como o Estado, o mercado econômico, as religiões só existem porque muitos indivíduos orientam reciprocamente suas ações num determinado sentido. Estabelecem, dessa forma, relações sociais que têm de ser mantidas continuamente pelas ações individuais (TOMAZI, 1993, p. 21-22).

Na busca de compreensão do que vem a ser ação social, com base na perspectiva da sociologia que permeia os saberes acadêmicos de vasta corrente de estudiosos, trazemos Karl Marx como o terceiro autor destacado como referencial de sociologia nesse debate, para quem a sociedade é uma dinâmica organizada em extratos sociais que devem ser superados para que a sociedade se apresente como algo igualitário. Nesse contexto as interações sociais, e em especial a educação, devem ter um papel relevante como vivência da dialética, com base no materialismo histórico. Para Marx não é possível compreender a dicotomia indivíduo e sociedade sem levar em consideração sua condição material, que é base das relações (TOMAZI, 1993).

[...] Para ele, as condições materiais de toda sociedade condicionam as demais relações sociais. Em outras palavras, para viver, os homens têm de, inicialmente, transformar a natureza, ou seja, comer, construir abrigos, utensílios, etc., sem o que não poderiam existir como seres vivos. Por isso, o estudo de qualquer sociedade deveria partir justamente das relações sociais que os homens estabelecem entre si para utilizar os meios de produção e transformar a natureza. Essas relações sociais de produção são a base que condiciona todo o resto da sociedade (TOMAZI, 1993, p. 22).

Essa breve reflexão aponta que a sociologia de Durkheim é de cunho positivista, a de Max Weber é compreensiva e a de Karl Marx se caracteriza como sendo revolucionária sendo importante destacar que eles se apresentam como importantes referenciais do que vem a ser a dinâmica da sociedade contemporânea e, em especial, debatem e se referem à dinâmica educativa, como elemento importante e relevante para a organização do fazer humano em relação.

O Saber acadêmico e a educação com matriz na sociologia frente às classes sociais

Os três autores destacados até aqui têm a sociedade como objeto de investigação, entretanto com diferentes visões de abordagens dos processos que a constitui. No contexto da Educação o paradigma de Durkheim é positivista-funcionalista fundamentado no princípio da integração social, coesão e equilíbrio. Para ele o foco da sociologia atua como elemento fundamental para orientar a dinâmica educativa na medida que ela se concentra no fato social, tendo o método como resposta, numa perspectiva objetiva. Nessa perspectiva defende a posição largamente difundida, mas fundamentalmente questionada de que a ação e os procedimentos dos educadores e dos pesquisadores se pautam no pressuposto da neutralidade, e não interferência pessoal, enquanto desenvolve o ato educativo e analisa de forma macrossocial a sociedade e as instituições que a compõem. Paulo Freire é um marco no combate a essa posição que sustenta a dominação e o processo tirano de divisão de classes sociais.

O paradigma de Max Weber aplicado à educação tem a predominância da perspectiva compreensiva, a qual também se fundamenta no princípio da coesão social, mas Weber é subjetivista, pois afirma que a sociedade nasce do indivíduo e de suas emoções subjetivas.

O paradigma de Karl Max contribui para a compreensão da educação apontando que a organização da sociedade, e, portanto, da educação, parte do materialismo dialético e histórico e se fundamenta no princípio da contradição, do conflito e da transformação. Seu objeto são as classes sociais, sob uma visão dialético-materialista objetiva, por meio da qual analisa o contexto macro, constituído pelas classes sociais, bem como o modo de reprodução capitalista.

Com essa abordagem preliminar, no contexto da educação, a Sociologia constitui-se, nas palavras de Cândido Alberto Gomes (1995), uma dinâmica que se referenda na existência de dois movimentos que se organizaram em seu contexto histórico, os quais são denominados como otimismo pedagógico e pessimismo pedagógico, sendo que respectivamente essas duas vertentes correspondem a dois paradigmas: o do consenso e o do conflito.

Desses, o primeiro período se fundamenta na perspectiva do estudo durkheimiano com base no paradigma do consenso que tem como marco temporal inicial o período Pós Segunda Grande Guerra (1945) e vai até o fim dos anos sessenta (1960). Atualmente se percebe como ele se manifesta claramente ativo em muitos aspectos da escolarização e na organização desportiva. Paulo Freire (1997) enfrenta essa posição ao destacar que é fundamental desenvolver as ações de emancipação e autonomia humana não pelo consenso, mas pela conscientização, por meio da qual a naturalização é superada pela historicização, o individualismo é superado pelo cooperativismo e a alienação e a consciência romântica e ingênua são superadas pela consciência crítica (KEIM, 2011).

O próximo período tem início nos anos sessenta e vai até início dos anos oitenta, mas se prolonga até a atualidade, tendo como foco o fato de ter tomado o estudo marxista de sociedade como referencial do paradigma do conflito. Os estudos da sociologia da educação com olhar microssocial tem a compreensão das ações sociais de forma tal que dá voz ao indivíduo para conhecer o objeto de estudo educacional e de formação desportiva. Assim, o paradigma do conflito se constitui como processo referenciado nas diferentes classes sociais, mas se complementa com a busca de argumentos que viabilizem a organização social como processo no qual vigora o consenso, ao identificar a sociedade como processo dinâmico e organizado por valores comuns, permeados por diferenças conjunturais e interesses particulares e coletivos. Dessa forma o paradigma do consenso se apresenta como processo complexo, mutante e altamente dinâmico.

Assim, temos que o primeiro período da sociologia da educação foi caracterizado pelo “otimismo pedagógico”, pois acreditava que por meio do acesso à escolarização seria possível resolver a questão da desigualdade social. Nessa fase prevalecia a ideia de que as escolas, os

estudos e a alta escolaridade dos indivíduos, seriam um importante fator de promoção ao indivíduo.

Sucedem que nos anos sessenta (1960), fica evidente o enfraquecimento do otimismo pedagógico conforme a desigualdade social cresce e ficou evidente que o pressuposto dessa vertente sociológica não era capaz de resolver essa questão somente por meio da escolarização e da proposta de organização da sociedade, uma vez que a desigualdade social tinha fundamento no sistema capitalista. Surge então, entre 1960 e 1980 o movimento denominado “pessimismo pedagógico”, o qual se mantém até a atualidade, referendado no paradigma do conflito que se sobrepõe ao paradigma do consenso e evidencia a imposição de uma classe que se coloca como ser de domínio sobre outra.

A organização da educação e da formação esportiva, em particular sob a tutela do paradigma do conflito, defendeu a posição da escolarização atuar como processo gerador, e reprodutor da desigualdade social, o que de acordo com Gomes (1985, p. 17):

[...] A sociedade passa a ser vista basicamente como um conjunto de grupos em contínuo conflito, onde uns estabelecem dominação sobre os outros. Em vez de consenso espontâneo, obtém-se um consenso imposto. A educação é considerada um instrumento de dominação e de dissimulação do verdadeiro caráter da dominação [...].

Os principais representantes do paradigma do conflito são: Marx, Bourdieu Passeron, Bowles e Gintis, os quais analisam o contexto macro constituído pelas classes sociais e o modo de produção capitalista, com uma visão ampliada de fora para dentro.

O movimento que se segue no contexto do paradigma do conflito e na organização da sociedade amparada na matriz eurocêntrica se caracteriza então como o movimento conhecido como a “abordagem compreensiva, a qual corresponde ao paradigma, também questionável, identificado como de característica interpretativo/hermenêutico, o qual predomina na atualidade, num movimento de trânsito do macro para o micro” (NOGUEIRA, 1995, p. 32).

A Sociologia e as classes sociais na iniciativa ao basquetebol

O esporte, no início do século XX, era algo praticado apenas pelas pessoas da elite, pois a elas não cabia o trabalho braçal, e a necessidade de atividade física para manter a saúde motivou a criação de clubes específicos de tênis e de remo, como meio para que essas pessoas se exercitassem, como destaca Zoboli (2003). O mesmo autor ressalta também o fato da atividade desportiva se configurar no início do século XX como algo inerente e próprio das elites, sendo a indumentária um dos aspectos relevantes dessa atividade.

A participação em eventos esportivos internacionais deixou evidente a necessidade de alterar essa proposta classista, passando a existir espaço para as demais classes sociais praticarem esportes, e em especial esportes de rendimento. É nesse sentido que se tem nas escolas a atividade de iniciação esportiva. Gripa (2011, p.41) aponta que “O termo iniciação esportiva é conhecido mundialmente como um processo cronológico no transcurso do qual um sujeito toma contato com novas experiências regradas sobre uma atividade físico-esportiva”. Partindo dessa premissa se tem de Paes e Balbino (2005, p. 27) que:

A aprendizagem deve ir além do ensino dos fundamentos em suas execuções analíticas, combinadas e aplicadas em situações de jogo, ou seja, deve caminhar na direção do desenvolvimento do ser humano. Para tanto, é preciso dar ao esporte um tratamento pedagógico, com enfoque essencialmente educativo, no qual, o investimento no agente transformador deve ser considerado, a fim de preparar para exercitar com

ousadia e coragem as intervenções necessárias para a formação do ser considerando que no jogo, todos ganham, não pelos resultados de placar, mas pelos significativos aprendizados presentes nas práticas de iniciação do basquetebol.

Esses autores se referem ao basquetebol, mas sua posição cabe para todo o contexto de iniciação esportiva, pois no jogo, estabelecem-se diferentes relações mediadas pelos corpos, pelas regras e pelas diferentes pessoas que integram o grupo em ação, como manifestação das relações próprias da dinâmica estabelecida pelas classes sociais.

O desvelamento das relações de poder, presente no convívio escolar, se manifesta de inúmeras formas e nas atividades desportivas, essa perspectiva se evidencia à medida que o esporte, como postura competitiva, valoriza o desempenho que é determinado pela capacidade de cada pessoa, de reagir diferentemente aos estímulos que recebe, pois cada corpo possui suas particularidades, as quais se caracterizam como elemento de determinado grupo social, o qual deixa marcas culturais no indivíduo como se fosse a sua própria identidade (ZOBOLI, 2003).

Essas marcas, que “em uma sociedade de consumo, onde tudo é plausível de vir a ser mercadoria, não seria o corpo que ficaria longe dessa mercantilização generalizada e sempre crescente” (ZOBOLI, 2003, p. 31). Assim, por meio da educação, o corpo humano, quer seja por ideologia ou pela cultura, é moldado para servir a um grupo da sociedade em uma escala hierárquica. Com isso, a escola se caracteriza como parte da sociedade que molda o pensamento do indivíduo a ela subordinado, além de estar fortemente ligada às forças dominantes da sociedade, assumindo na esfera social o controle de ações que se estabilizam segundo os interesses vigentes. Nas palavras de Zoboli (2003, p. 12) se tem que:

Considera-se o sujeito como fruto de um processo dialético (ao defrontar com perspectiva que contrapõe), dialógica – na concepção Freireana – (ao valorizar as diferenças) e autoeco-organizativo (ao se ver que é considerado como agente em permanente mudança e organização). Para tanto, busca-se compreender o corpo em todas as suas dimensões, ou seja, na riqueza de sua totalidade e complexidade.

Faz-se necessário saber que nenhum atleta se forma por encanto, pois necessita de atenção e instrução, por isso as escolas se caracterizam como espaço privilegiado para que tenham início os primeiros passos de futuros atletas.

Numa referência histórica o governo federal, na década de 1940, por interesse representativo e político, deu maior ênfase à iniciação esportiva no Brasil em modalidades olímpicas, as quais tinham início nos quartéis passando depois para as escolas. Embora não sejam recentes os estudos sobre a iniciação esportiva, foi na década de 1980 que os autores nacionais passaram a se preocupar com o assunto, de tal forma que a iniciação esportiva é considerada como um referencial para envolver a criança nas escolas, no que se refere à aprendizagem de forma específica e sistematizada dos princípios que caracterizam os desportos.

A biografia de atletas bem-sucedidos mostra como essa prática poderia ter contribuído para a formação de potenciais atletas que não conseguiram eclodir no cenário desportivo. Essa observação evidencia a perda potencial de pessoas que deixaram o desporto de lado, pois não tiveram oportunidade de se desenvolver. Cabe assim a necessidade de investigar e debater questões como: Qual a preocupação que predomina no desenvolvimento desportivo durante as atividades de iniciação esportiva escolar? Em que medida a iniciação esportiva escolar em basquetebol (esporte), amparada em referenciais de cooperação e reciprocidade e também de cuidado são apontadas como referenciais mais abrangentes do que a competitividade e os resultados numéricos? Como cooperação, reciprocidade, cuidado e ternura podem se caracterizar como posturas desportivas na formação de emancipação e de autonomia dos futuros atletas?

Qual o significado representativo do esporte como atividade profissional, junto aos estudantes de Iniciação Esportiva de diferentes regiões brasileiras, ao evidenciar as diferenças colocadas pelas imposições postas pelas divisões amparadas nas classes sociais?

Essas questões, no contexto da Iniciação Esportiva Escolar e na formação inicial para o desportismo profissional, devem atentar para que esse processo não se caracterize como agente que traumatize a criança pelas diferenças de classe que se interpõem na ação docente. Essa ação também deve ter atenção especial para minimizar a cobrança de resultados, que evidenciam uma especialização esportiva precoce e alimentam pressões psicológicas dos pais, técnicos e colegas. Para Barbanti e Tricoli (2004, p. 200) a iniciação esportiva em ambiente escolar poderia auxiliar:

Na aprendizagem, pois melhora a concentração, melhora o autocontrole e a autoconfiança, assim com promoção de atitudes saudáveis e positivas, têm sido bastante documentados, por isso é urgente que se promova o esporte, o exercício e a atividade física para que maior número de crianças e adolescentes sejam expostos a essas atividades [...] a necessidade das crianças e dos adolescentes de se engajarem em esportes, exercícios e atividades físicas como um dos pré-requisitos para obter saúde e melhor qualidade de vida já foi reconhecida há muito tempo.

Nessa perspectiva é notória a contribuição da iniciação esportiva escolar para as crianças como ferramenta de formação. Gaya e Torres (2004, p. 57) enfatizam essa posição quando consideram que “o esporte representa um componente cultural de significativa importância na vida de todos os povos, tornando-se, indiscutivelmente, um fenômeno global, justifica-se a relevância de estudos que possam auxiliar na interpretação alargada do esporte enquanto fenômeno social”.

É com esse propósito que esse texto evidencia e questiona a contribuição da Sociologia da Educação à medida que traz os diferentes paradigmas para o debate sobre as ações humanas apontadas como relevantes para a promoção humana de forma a viabilizar a valorização da vida.

Considerações finais

A identificação do desportista tem diferentes abordagens conforme o esporte se considera um processo, que se realiza de forma independente das diferentes realidades econômicas, sociais e políticas das pessoas a ele integradas, enquanto atividade em quadra, mas que sujeitam os desportistas fora da quadra, aos desafios impostos pelo modelo econômico e civilizatório amparado no individualismo e na competição. Esse desafio se confronta com o propósito desse artigo, que é debater o desporto como formação de autonomia e emancipação humanística dos futuros atletas, os quais fora da quadra se veem forçados a lidar com um contexto complexo frente ao ideal proposto pelo esporte de rendimento.

Essa reflexão mostra como é relevante o debate e os estudos referenciados na questão de como as diferenças impostas pelas classes sociais, e em particular pela realidade imposta pelo sistema capitalista vigente, interferem e interagem na formação e postura profissional de atletas caracterizados como de alto rendimento. Essas diferenças, de certa forma, possibilitam que diversas realidades se confrontem podendo mostrar que o esporte de alto rendimento pode ganhar uma representação de realização pessoal e não apenas a procura da imagem de atividade glamorosa que a mídia vende e com a qual muitos jovens sonham.

Dessa forma a iniciação esportiva pode ser agente de promoção educacional e social que vise o bem-estar de toda a coletividade. Essa pode ser uma das vertentes que esse trabalho po-

derá alcançar para servir como estímulo e/ou encorajamento aos que se encontram em condição desfavorável socialmente.

Dessa forma, o esporte é uma ferramenta que contempla a maioria desses elementos, partindo desse princípio, esse artigo tem a finalidade de contribuir para ampliar o sentido da vida que os jovens e adolescentes buscam. A pesquisa norteadora deste texto, no que se refere às crianças, considera que muitas são aquelas que sonham em ser medalhistas olímpicas, o que se caracteriza como uma saudável motivação para a prática esportiva, mas esse processo não pode criar a ilusão de que essa meta será possível para todos que a desejam. Assim, a iniciação aos desportos deve ser uma oportunidade para exercitar os sentimentos de ganho e de perda, de vitória e de derrota, de conseguir ou não alcançar uma meta desejada e sonhada como referencial que conduza para a emancipação da vida.

Referências

BARBANTI, Valdir; TRICOLI, Valmor. A formação do esportista. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, Antônio; TANI, Go (Org.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

FERREIRA, A. L. P.; MOREIRA, T. S.; MARCHI JÚNIOR, W. Mapeamento dos grupos de pesquisa da Sociologia do Esporte: apontamentos iniciais sobre a situação desta área no Brasil. In: Anais. 1º Encontro da ALESDE **Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas**. Curitiba, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GAYA, Adroaldo; TORRES, Lisiane. O esporte na infância e adolescência: alguns pontos polêmicos. In: GAYA, Adroaldo; MARQUES, Antônio; TANI, Go (Org.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GRIPA, Fabiana K. **O cuidado como referencial docente na Iniciação Esportiva**. 2011. 112 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Blumenau: FURB, Blumenau, SC.

GOMES, Cândido Alberto. Enfoques teóricos em sociologia da educação. In: **A educação em perspectiva sociológica**. São Paulo: EPU, 1995.

KEIM, Ernesto Jacob. **Educação da Insurreição**. Jundiaí: Pocco Editorial, 2011.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia**. São Paulo: Nova Cultural Brasiliense, 1986.

NOGUEIRA, Maria A. Tendências atuais da Sociologia da Educação. In: Grupo de Pesquisa em Sociologia da Educação. **Leituras & Imagens**. Florianópolis, UDESC, 1995.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. Processo de ensino e aprendizagem

do basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: DE Rose Jr., Dante; TRICOLI, Valmor (Org.). **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática**. Barueri: Manole, 2005.

SANTOS, Francisco José A. dos. Considerações sobre a “corpolatria”. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, n.3, p.53-54, janeiro, 1990.

SÉRGIO, Manuel. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Iniciação à Sociologia**. São Paulo: Atual, 1993.

VIEIRA, Gleison. **Saint-Simon e Educação**. Curitiba: CRV, 2010.

ZOBOLI, Fabio. **Corpo e Poder na Escola**. 2003. 110 fl. Dissertação (Mestrado em Educação). Blumenau: FURB, Blumenau, SC.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.